

SEMOCA Morando em condições precárias, algumas tribos acham possível conciliar casa de alvenaria com tradição

# Índio paulista quer aldeia de concreto

ROGÉRIO GENTILE  
 da Reportagem Local

Tribos indígenas de São Paulo estão reivindicando a reforma de suas aldeias com a construção de casas de alvenaria em vez das tradicionais habitações de pau-a-pique e sapé.

O pedido foi feito na semana passada, após a CDHU (Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo) anunciar o lançamento de um programa de moradia exclusivo para os índios.

Os índios guaranis de Morro da Saudade, em Parelheiros, zona sul da cidade de São Paulo, por exemplo, entendem que é possível viver em moradias típicas do "homem branco" sem perder a tradição.

Eles estão propondo à CDHU um projeto em que as casas sejam de concreto, mas com o formato característico da sua tribo — arredondadas do lado em que o sol se põe e quadradas do lado em que ele nasce. Outras comunidades também fizeram pedidos semelhantes.

Nem todas as tribos, porém, aceitam as casas de alvenaria. Algumas entendem que o tijolo e o concreto significam a descaracterização da cultura indígena.

Também querem a reforma das suas aldeias, mas preferem que o governo do Estado forneça madeiras tratadas e sapé de melhor qualidade para que possam construir habitações típicas duráveis (leia

texto abaixo).

O vice-presidente da CDHU, Lázaro Piunti, idealizador do programa habitacional indígena, afirma que cada tribo vai dizer o que é melhor para si. "Particularmente, entendendo que a casa de concreto fere um pouco a questão cultural. Mas são eles que têm de decidir o que é melhor", afirmou.

## 3.400 índios

Há em São Paulo, hoje, cerca de 3.400 índios de cinco etnias (guarani, pancararu, terena, crenaque e caingangue). Acredita-se que existam fulniôs também, mas não há registros oficiais.

A maioria dos índios mora em condições precárias, sem abastecimento de água e esgoto. As casas são feitas com madeiras velhas ou papelão e cobertas por plástico ou telhas de amianto (de péssimo isolamento acústico e térmico).

Os pancararus, originários de Pernambuco, são os que vivem em piores condições. Não possuem nem mesmo aldeia demarcada.

Os cerca de 950 membros dessa etnia estão espalhados pelas favelas Real Parque (zona sudoeste de SP) e Madalena (Santo André).

A tribo está pleiteando uma área num raio de 40 km a partir do centro de São Paulo para construir uma aldeia que possa reunir todos os pancararus. "Morar na favela é difícil. Não dá para manter as nossas tradições e rituais sem incomodar os vizinhos", diz Bino Pancararu, líder da comunidade.



Criança brinca na aldeia Jaraguá, no caminho do pico de mesmo nome na cidade de São Paulo; há 3.400 índios de cinco etnias vivendo no Estado

## 'Tijolo é coisa de branco', dizem críticos

da Reportagem Local

A construção de habitações de concreto divide os líderes das principais tribos paulistas. Na semana passada, durante a segunda reunião com o governo do Estado para tratar do projeto habitacional, o tema foi discutido entre eles.

Alguns líderes acham que a casa de alvenaria fere a tradição cultural indígena. Outros pensam que dá para conciliar a "modernidade" com a cultura.

Joel Augusto Martins, índio guarani da aldeia Jaraguá, entende que as casas têm de ser feitas com madeira trabalhada e sapé. Para ele, a casa de alvenaria não tem nada a ver com os índios. "Tijolo é coisa de branco", afir-

ma Martins.

Adolfo Verá, da aldeia guarani Rio Silveira, em São Sebastião, concorda com Martins.

Ele apresentou ao governo do Estado um projeto para a construção de 50 casas, com 50 metros quadrados cada.

As moradias seriam feitas com madeira tratada e cobertura de piaçava que "é mais resistente do que a palha e, portanto, tem uma durabilidade maior".

Hoje, a maioria dos índios de sua tribo moram em casa velhas e apertadas, feitas de madeira e com telhas de amianto ou cobertas por plástico.

"A grande dificuldade é que não existe mais matéria-prima de qualidade. A mata foi quase toda des-

truída. Por isso, estamos morando em condições absolutamente ruins", afirma.

### Guardar costumes

Anildo Lulu, representante dos índios guarani da aldeia Nimen-daju, localizada em Avaí, no interior de São Paulo, afirma que os índios "têm de acordar".

"Não queremos mais o pau-a-pique. Precisamos avançar, ter casa de bloco e cobertura de telha", afirma.

Segundo ele, é possível "guardar os costumes" morando em casas de tijolos. "Vamos continuar fazendo nossas festas, danças e rituais", diz.

"Não é porque ando de carro ou tenho uma casa de tijolo que deixo

de ser índio", diz o cacique Manoel de Lima (Karai Poty) da tribo guarani Morro da Saudade, localizada em Parelheiros.

"Estamos há 500 anos em contato com os brancos e ainda mantemos nossa língua, religião e educação. Não vai ser uma habitação de alvenaria que vai colocar tudo a perder", declara.

A antropóloga Leynad Ayer, da Comissão Pró-Índio, tem acompanhado o projeto. Segundo ela, "o importante é que a vontade de cada tribo seja respeitada".

Ela diz também que, independentemente do projeto, é preciso não esquecer a necessidade de servir as aldeias com esgoto e abastecimento de água.

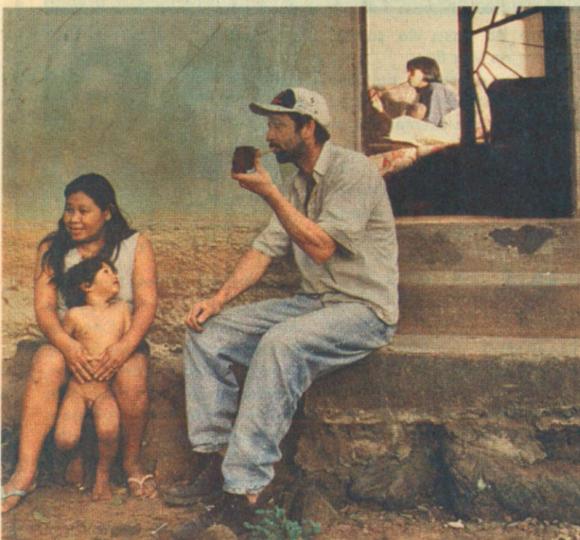
(RG)

### Aldeias indígenas de SP

Etnia	Município	Aldeia	Índios *
Guarani	São Paulo (Parelheiros)	Morro da Saudade	432
Guarani	São Paulo	Krukutu	80
Guarani	Capoião e Ilha do Azeite	Itariri	72
Guarani	Cananéia	Rio Branco	92
Guarani	Avaí	Nimendaju	180
Guarani	Ilha do Carobso	Santa Cruz	31
Guarani	Ubatuba	Boa Vista	146
Guarani	São Paulo	Jaraguá	63
Guarani	Mongaguá	Itaóca	161
Guarani	Mongaguá	Aguaréu	91
Guarani	São Sebastião	Rio Silveira	280
Guarani	Peruíbe	Bananal	160
Terena e Kaingang	Braúna	Icatu	128
Terena	Avaí	Kopenoti	400
Kaingang, Terena e Krenak	Arco-Íris	Vanuíre	169
Pancararu	São Paulo e Santo André	Moram em favelas	950

\* Em alguns casos os números refletem uma estimativa

Fonte: CDHU e FUNAI



A índia Eunice e Marcos José Sheley, que se prepara para ser pajé

## Branco estuda para ser pajé

da Reportagem Local

Marcos José Sheley, 29, vive há cerca de cinco anos entre os índios guaranis da aldeia Jaraguá, no caminho do pico de mesmo nome, em São Paulo.

Ele está sendo preparado por membros da comunidade para se tornar um pajé. Pajé é o chefe espiritual, um misto de sacerdote, profeta e médico-feiticeiro.

Casado com uma índia guarani, Sheley diz que os índios consideram que ele "tem jeito para a coisa". "Já fui espírito e crente. Tenho vivência religiosa", afirmou Sheley, conhecido na língua guarani como Werá Jecupe.

A aldeia Jaraguá é pequena, tem apenas 17 mil metros quadrados e 63 pessoas. Segundo a índia Eunice Martins (Yva Póty), os filhos da

atual cacique não possuem o "dom" necessário para ser pajé.

"Por incrível que pareça, apesar de ser branco, Marcos é o único na aldeia que tem dom, além do pajé atual", diz.

Com o pajé, ele tem aprendido a curar por meio de rezas e plantas medicinais. "Vai demorar muito para me tornar um pajé de verdade. Uns quatro ou cinco anos."

Ele diz que passou a acreditar com mais força na sabedoria indígena quando foi curado pelo pajé. "Minhas duas pernas estavam paralisadas. Ele me curou com a fé."

Nem todo mundo na tribo, porém, concorda que um homem branco vire pajé. "Ele não é índio, nunca vai poder ser chamado de pajé. Pode até curar, mas nunca será pajé", afirma Joel Augusto Martins (Karai Mirin).

## Estado aplica R\$ 2 milhões

da Reportagem Local

A CDHU (Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo) reservou R\$ 2 milhões do orçamento deste ano para a construção de habitações indígenas.

Com essa verba é possível fazer cerca de 250 casas de alvenaria. O custo médio de uma moradia feita pela estatal, segundo o vice-presidente da empresa, Lázaro Piunti, é de R\$ 10 mil.

Moradias tradicionais, de sapé e madeira trabalhada, podem ser construídas com um custo menor.

Mesmo assim, a demanda habitacional indígena é muito maior do que a verba.

Há cerca de 3.400 índios no Estado, sendo que a maior parte das moradias existentes está em condições ruins de habitabilidade e precisariam ser refeitas.

Para garantir novas verbas, Piunti está tentando aprovar na Assembleia Legislativa lei que obrigue a CDHU a investir 2% do seu orçamento na questão indígena. O percentual corresponde a cerca de R\$ 12 milhões.

"Se a lei for aprovada, independentemente de quem for o próximo governador, a construção de habitações para índios ficará assegurada", afirma.

Na semana passada, Piunti e uma comissão de índios reuniram-se com o presidente da Assembleia Legislativa, deputado Paulo Kobayashi.

"Temos uma dívida de 500 anos com os índios", discursou o vice-presidente. Kobayashi afirmou que o projeto não deve enfrentar resistência das bancadas de oposição. "Acho que a lei deve ser aprovada a toque de caixa."



Índios da tribo pancararu dançam em frente a prédio do Cingapura Real Parque, na zona sudoeste de SP

## Pancararu mora em prédio do Cingapura

da Reportagem Local

Poucos vizinhos sabem, mas o morador do apartamento número 41 do bloco 3 do Cingapura Real Parque, na região sudoeste de São Paulo, é um índio.

Pancararu legítimo, Alexandre Pereira é um dos poucos índios dessa etnia no Estado que não vive em favela. Há cerca de um ano e meio, ele mora com uma mulher branca em um prédio feito pela prefeitura paulistana.

O apartamento tem poucas referências da cultura indígena. Há um "praia" (ídolo religioso) sobre a TV e algumas fotos da sua aldeia em Pernambuco.

Preso em uma gaiola no teto, há um passarinho "cabeça-vermelha", que ele mandou trazer de sua região. "Preferia que o cabe-

ça-vermelha vivesse solto, como na aldeia. Mas aqui é impossível e, ainda que preso, ele me ajuda a matar a saudade", afirmou.

Apesar de considerar o local confortável, Pereira diz que ali é praticamente impossível manter viva a tradição pancararu. "O ideal seria que todos os pancararus vivessem juntos em uma área só nossa", disse o índio, que trabalha como vigilante.

Outros pancararus que estão vivendo em alojamentos provisórios do Cingapura também dizem que mudariam para uma aldeia se pudessem.

Os líderes da tribo estão negociando com o Estado a desapropriação de uma área para construir uma aldeia num raio de 40 quilômetros do centro da cidade.

Pelo projeto, os 950 índios pan-

cararus que hoje moram em favelas em São Paulo e em Santo André seriam reagrupados em uma aldeia circular feita com casas de alvenaria.

Apenas a casa sagrada, local comum onde se realizam danças e cultos, manteria a arquitetura tradicional (pau-a-pique e sapé).

"Queremos uma área onde possamos plantar e caçar para não termos mais de mendigar emprego para os brancos", diz Frederico Pancararu, líder da tribo.

Segundo ele, hoje a comunidade não pode ter cacique nem pajé justamente por não possuir uma aldeia. "Os nossos filhos estão cada vez mais distantes da tradição. Estamos perdendo contato com nossas danças e músicas. Só com uma aldeia poderemos resgatar os nossos valores", diz.